

Resposta unânime ao apelo de Collor: não.

Lula, Covas e Freire ironizaram a proposta de um programa mínimo comum com o ex-governador alagoano. Acham que ele não tem mais o que dizer e é "de direita".

Mário Covas, Roberto Freire e Luís Inácio Lula da Silva não precisaram de tempo para pensar na proposta de Fernando Collor de Mello de acertar com eles um programa mínimo de governo. Ao contrário: os três receberam a sugestão sem disfarçar a ironia. "Se fosse possível definir um programa mínimo entre os partidos, não seriam necessários tantos candidatos", ponderou Lula. Covas preferiu fazer uma contra-proposta: "O PSDB tem um programa bastante claro e, se ele se comprometer a respeitá-lo, pode entrar para meu partido e trabalhar para a minha candidatura". Freire foi taxativo: "Não adianta Collor fazer propostas, se ele não admite debate com a sociedade. Combater marajás e defender a moralização não é programa".

A proposta, na verdade, foi recebida pelos três com um comentário parecido: começa a faltar assunto na campanha de Collor de Mello. Se não fosse por isso, tanto Covas como Lula e Freire não aceitariam fazer qualquer acerto com Collor — exatamente porque identificam sua candidatura com a direita. "Collor é um substituto de Jânio Quadros e, por isso mesmo, não vejo possibilidade de a classe trabalhadora fazer um programa mínimo de governo entre pessoas tão diferentes", argumentou Lula. "Talvez ele se julgue progressista", analisou Freire. "Mas se continuar da forma como está, poderá ser o candidato da direita nacional. Collor é um político populista e demagogo. Na década de 60, Jânio também usava técnicas populistas, mas venceu porque deixou de ser o homem da vassoura e passou a representar o programa da direita nacional. Hoje, se Collor ficar nisso, sua candidatura pode se esvaizar."

No Congresso Nacional, a proposta de Collor também foi repudiada por petistas e recebida com risos irônicos no PSDB. "Collor está começando a cair no vazio e resolve fazer propostas para ocupar a mídia", comentou o senador Chagas Rodrigues (PSDB-PI). "Temos uma visão política diferente. É impossível nos misturarmos", disparou o deputado João Paulo (PT-MG). Mas foi o deputado Augusto Carvalho (PCB-DF) quem tocou no ponto principal da proposta: Collor estaria tentando, na verdade, se descaracterizar como quadro de direita. "Ele quer pegar carona nas propostas de transformação que os partidos de esquerda sempre apresentaram para o País", atacou Carvalho. "Collor, seu projeto e seu partido não resistirão à campanha porque propõem mudanças epidérmicas, e a sociedade quer mudanças profundas."

Não haverá, portanto, qualquer acerto. Covas é muito claro ao diferenciar Collor de seu PSDB, do PT de Lula e do PCB de Freire. "Collor tem um passado político que o leva a ser encarado como candidato da direita." Freire também não quer acordo por entender que Collor não tem um programa de governo que o defina ideologicamente. E, por causa de suas constantes aparições na tevê, comparou-o ao apresentador Sílvio Santos: "Agora, Collor é o grande comunicador, depois de três horas na tevê".

Lula descarta qualquer possibilidade de entendimento por um único motivo: "Não há nada que torne Collor de Mello um candidato progressista, de esquerda". E acrescentou: "Ele é um representante muito claro das oligarquias de Alagoas e tem antecedentes políticos que o colocam claramente numa posição de direita".



Freire, Covas e Lula falaram em desestagnar

669